

Por que linguística ecossistêmica

Why ecosystemic linguistics

*Hildo Honório do Couto**

**Universidade de Brasília (UnB)*

Resumo: O objetivo principal deste artigo é apresentar a linguística ecossistêmica (Le), justificando o motivo de se ter proposto uma nova vertente no âmbito da ecolinguística. Por motivos óbvios, a LE tem como ponto de partida o conceito central da ecologia, o ecossistema. Daí decorre todo o seu arcabouço epistemológico, inteiramente de base ecológica. O conceito central do ecossistema é o de interação, motivo pelo qual a LE define a língua não como instrumento de comunicação, mas como a própria comunicação. A seguir, são apresentados os ecossistemas linguísticos (natural, mental e social, contidos no integral), no interior dos quais a ecologia da interação comunicativa tem um lugar privilegiado. Por ser holística, a LE se encara a língua tanto em sua endoecologia (sistema) quanto em sua exoecologia, a língua em relação ao mundo exterior a ela, aí inclusa as outras línguas. Por fim, o texto mostra que para se praticar LE é necessário assumir o ponto de vista da visão ecológica de mundo.

Palavras-chave: Ecolinguística. Linguística Ecossistêmica. Visão ecológica do mundo.

Abstract: The main purpose of this article is to present ecosystemic linguistics (EL), explaining the reasons for proposing a new branch of general ecolinguistics. For obvious reasons, EL departs from the central concept of ecology, i.e., ecosystem. The epistemological foundations of EL is entirely based on it. The central concept inside the ecosystem is interaction. Hence, EL defines language not as an instrument of communication, as is the case with over 80% of linguistic theories extant, but as interaction/communication proper. The linguistic ecosystems (natural, mental and social, the three contained in the integral ecosystem of language). Ecosystemic-linguistically, what matters inside the ecosystem is interaction. Once it looks at its object of study from a holistic point of view, EL deals not only with the systemic side of language (language endoecology), but with its exoecology as well, as is the case with bi-/multilingualism, language contact, discourse analysis and so on. Finally, the text shows that in order to do ecosystemic linguistics it is necessary to assume the ecological view of the world.

Keywords: Ecolinguistics. Ecosystemic linguistics. Ecological view of the world.

Introdução

Começemos pela pergunta primeira: Por que linguística ecossistêmica? A expressão ‘linguística ecossistêmica’ deve ser entendida num sentido quase literal. Isso significa que se trata de um tipo de estudo de fenômenos da linguagem, ou seja, uma linguística que parte do conceito de ecossistema para erigir suas bases epistemológicas. No entanto, poder-se-ia perguntar por que praticar um tipo de linguística que tem por base o ecossistema. Antes de mais nada, é preciso deixar claro que estamos em pleno domínio da ecologia, que tem sido definida como sendo o estudo das interações entre os organismos vivos de determinada região e seu *habitat*. Como os ecólogos sempre nos dizem, ecossistema é o conceito central da ecologia. Assim sendo, não há uma maneira melhor de se estudar ecologia do que partindo desse conceito central. Ele é tão importante que já se disse que poderíamos chamar ecologia simplesmente de ‘ecossistêmica’, paralelamente ao estudo dos fonemas na linguística estrutural norte-americana, que era chamado de ‘fonêmica’, em vez da europeia ‘fonologia’. Enfim, a linguística ecossistêmica é uma variedade brasileira da ecolinguística segundo a qual tudo emerge do e imerge no ecossistema.

Desde a proposta do conceito na década de trinta do século passado, o ecossistema tem sido caracterizado basicamente como foi sugerido no parágrafo anterior, ou seja, como sendo o todo formado por uma população de organismos vivos, o meio em que vivem e as interações entre organismos e meio, bem como pelas interações entre os indivíduos dessa população de organismos. O próprio proponente do termo, Arthur G. Tansley já havia acrescentado que ele “pode ir do universo como um todo até o átomo”. E o que é mais, apesar de serem sistemas, os ecossistemas não são estanques, “eles se sobrepõem, se imbricam e interagem uns com os outros” (TANSLEY, 1935, p. 13”).

Uma outra pergunta que surge naturalmente é por que partir do ecossistema. A resposta mais direta é, de novo, a de que isso se deve ao fato de ele ser o conceito central da ecologia. Se a ecolinguística geral, de que a linguística ecossistêmica faz parte, é de base ecológica, nada mais natural do que partir do conceito central da ecologia. O ecossistema está em sintonia com a visão moderna de que o mundo não é uma máquina, mas uma imensa rede. Como disse Edgar Morin, “o ecossistema [...] não tem nenhum centro de controle, [...] nenhuma cabeça reguladora, [...] nenhum programa genético. Seu processo de autorregulação integra a morte na vida e a vida na morte” (MORIN, 2007, p. 27). Essa rede é constituída de interações. Por isso, é necessário salientar também que o conceito central do ecossistema é o de interação. Não são os organismos (individualmente ou coletivamente) nem o *habitat* ou território por si próprios que interessam ao ecólogo, mas

as interações que aí se dão. Veremos que linguístico-ecossistemicamente a língua é também interação.

Em íntima associação com o conceito de interação, há toda uma série de características, propriedades e/ou atributos do ecossistema que não cabe desenvolver aqui por estarem já relativamente bem estudadas em outras publicações sobre linguística ecossistêmica. Não obstante isso, gostaria de pelo menos enumerar as principais entre elas, com uma sucinta caracterização de cada uma. A primeira é a própria **interação**, tão importante que é definidora do ecossistema e da língua. Uma segunda é o **holismo**. Delimitado o ecossistema, o estudioso deve levar em conta a totalidade das interações que se dão em seu interior e não apenas a uma ou umas entre elas. Assim que se começa a análise, nota-se uma grande **diversidade** de fenômenos e interações entre eles no interior do ecossistema.

Tantos os aspectos bióticos quanto os abióticos estão num constante processo de **adaptação**. Em consequência dela, tudo no ecossistema se encontra em perpétua **evolução**, como o próprio Tansley havia notado. Por ter sido legitimamente delimitado pelo observador para suas finalidades investigativas, o ecossistema apresenta sempre a propriedade da **abertura** ou **porosidade**. Na prática ele não está separado do mundo envolvente, pelo contrário, envia e recebe matéria, energia e informação desse mundo constantemente. Por fazer parte da natureza, no ecossistema nota-se sempre uma **reciclagem** de matéria e de energia. Como a natureza não tem pressa, os processos que nela se dão podem ser, para nós, **a longo prazo**. Por isso, se quisermos que nossa espécie humana continue viva devemos obedecer ao princípio da **sustentabilidade**, usufruindo dos recursos naturais sem exauri-los, permitindo que as gerações futuras também possam usufruir deles.

1 Precusores da linguística ecossistêmica

Todos aqueles que viam a língua ligada à população que a fala (Humboldt e outros), ao espaço em que é falada (geografia linguística, dialetologia) ou a ambos (sociolinguística) de certa forma antecipavam aspectos do que viria a ser a linguística ecossistêmica. No entanto, os primeiros autores a usar explicitamente o conceito de ecossistema como ponto de partida para estudar fenômenos da linguagem foram o ecolinguista e filósofo da linguagem alemão Peter Finke, desde a década de setenta do século passado, e seu discípulo Wilhelm Trampe, embora nenhum dos dois tenha usado a expressão ‘linguística ecossistêmica’. O segundo autor o fez bem mais tarde (TRAMPE, *a sair*). Outros autores partiram do ecossistema para explicar a relação espacial entre as línguas, como fizeram Norman Denison e Albert Bastardas Boada. Quem primeiro usou a

expressão ‘linguística ecossistêmica’ por escrito foi Hans Strohner, colega de universidade (Bielefeld) de Finke e Trampe. O título de seu ensaio é “A nova linguística do sistema: Para uma linguística ecossistêmica” (Die neue Systemlinguistik: Zu einer ökosystemischen Sprachwissenschaft).

Ainda preso à ideia de metáforas, ele menciona três delas: “metáfora do computador”, “metáfora do cérebro” e “metáfora do ecossistema”. De acordo com ele, a metáfora ecossistêmica está mais em sintonia com o estado do conhecimento atual. Afirmar ainda que “a abordagem ecossistêmica permite uma boa fundamentação para a ecolinguística tanto do ponto de vista teórico quanto do metodológico. Somente sobre essa base é possível fundamentar uma práxis racional”. Por isso, ele propõe uma teoria e uma metodologia ecossistêmicas. Na seção “Metodologia” de seu ensaio, ele usa a expressão ‘linguística ecossistêmica’ quatro vezes, agora sob a forma de *ökosystemische Linguistik*.

Na filosofia, Felix Guattari propôs três ecologias, em suas palavras, “a ecologia social, a ecologia mental e a ecologia ambiental (natural)” (GUATTARI, 2011). Diante do que foi dito acima da relação ecologia-ecossistema, suas três ecologias podem ser lidas como ‘três ecossistemas’, parte integrante da linguística ecossistêmica. No Brasil, o ecologista e filósofo Leonardo Boff tem afirmado que é necessário identificarmos não apenas essas três ecologias, ou ecossistemas, ou seja, as que ele chama de “ecologia ambiental (natural)”, “ecologia social” e “ecologia mental”. É preciso incluir a “ecologia integral”, que abrange as outras três. Na proposta de Guattari já temos o germe para o que viria a ser os ecossistemas natural, mental e social da língua. Na de Boff, os três são confirmados. No entanto, o autor avança um pouco mais, asseverando que é preciso reconhecer também a ecologia ‘integral’, que prepararia o terreno para o ecossistema integral da língua na linguística ecossistêmica (BOFF, 2012).

O ecossistema natural, o mental e o social estão ainda previstos nas três dimensões dos ecolinguistas Jørgen Døør e Jørgen Christian Bang, da ecolinguística dialética de Odense (Dinamarca). Essas dimensões são a ‘bio-lógica’ (natural), a ‘ideo-lógica’ (mental) e ‘sócio-lógica’ (social), como se pode ver em (BANG; DØØR, 2007; 2016).

O grande problema com grande parte dos precursores dos três (ou quatro) ecossistemas ecológicos (no nosso caso, linguísticos) é o reificarem a língua, vendo nela uma coisa relacionada a outra coisa. Para a linguística ecossistêmica ela é relação, interação. Se no ecossistema biológico o relevante não são os organismos vivos nem seu território por si mesmos, mas as interações entre eles, no ecossistema linguístico o mais relevante não são o povo nem seu território considerados em si mesmos, mas as interações verbais que aí se dão. Vale dizer, a língua não é um instrumento (coisa) para a comunicação. Ela é a comunicação. A nova visão de mundo introduzida pela teoria da relatividade, pela mecânica quântica e sobretudo pela ecologia (além de outras teorias mais

modernas, como a teoria do caos, a teoria dos sistemas complexos etc.) permitiu ver que a língua não é uma coisa relacionada com outra coisa nem um instrumento (coisa) para a comunicação. Como interação que é, ela é a própria comunicação. Capra (1998, 2008a) juntou tudo isso no que chamou de ‘visão ecológica de mundo (VEM)’.

2 Ecossistemas linguísticos

Na ecologia biológica ecossistema é o todo formado por uma população (P) de organismos, seu habitat ou território (T) e as interações (I) entre eles. Na ecologia linguística, em alemão *Sprachökologie* (outro nome para ‘linguística ecossistêmica’) é a mesma coisa. O ecossistema linguístico é formado por uma população ou povo (P), vivendo em seu território (T) e interagindo verbalmente pelo modo comunitário de interagir (L). A única diferença, se é que se trata de diferença, é que no ecossistema linguístico as interações (I) são chamadas de língua (L). Como a questão dos ecossistemas linguísticos já se encontra relativamente bem discutida em diversas publicações que se veem nas referências, aqui eu vou apenas mencioná-los, com comentários bem sucintos.

Repitamos, o **ecossistema linguístico** é o todo formado por uma população (P), vivendo e convivendo em seu território (T) e se comunicando pelo modo tradicional de se comunicar localmente, ou seja, por sua linguagem específica (L). Até o leigo sente isso. Tanto que ouvindo o nome de uma língua desconhecida, sua primeira pergunta é que povo a fala. Diante da resposta, ele quer ainda saber onde esse povo se encontra. Talvez por isso o esperanto não tenha tido o sucesso que seu criador queria, que ele fosse a língua internacional. Ele não é falado por nenhuma comunidade fixa em nenhum território. É uma língua artificial. Por isso, preferimos o inglês, que é muito mais complicado, mas é falado por povos de carne e osso que habitam territórios bem definidos.

Em primeiro lugar, temos o **ecossistema natural da língua**. Ele consta de um povo concreto (como os islandeses) vivendo em seu território (a Islândia) e falando sua própria língua (o islandês). O povo, no caso, é constituído pela totalidade de indivíduos concretos que nasceram e vivem na Islândia. Esses indivíduos têm nomes próprios, tais como Geir Haarde, Hördur Torfason, Stefán Eiríksson, Björk Guðmundsdóttir etc. A linguagem é o que se chama de islandês, mas não apenas como um sistema abstrato de regras à la Chomsky, mas como o modo concreto de os indivíduos da comunidade local interagirem verbalmente entre si. Nesse ecossistema, o **meio ambiente natural da língua** é constituído pelo povo concreto mais seu território concreto, pois é aí que se dão as interações linguísticas concretas. Meio ambiente aqui é entendido como o *locus* das interações.

Em segundo lugar, cada indivíduo da comunidade islandesa têm toda a cultura e tudo que pertence à Islândia *qua* Islândia em suas memórias. Aí está incluída a língua. Ela se encontra armazenada nas conexões neurais do cérebro de cada um. As interações que aí se dão, por exemplo, entre dendritos e axônios, constituem a mente de cada um deles. Isso é a língua em processamento, fato que se dá sempre que qualquer um entre eles fala, entende a fala de outro ou simplesmente evoca algo verbalmente em silêncio. Trata-se do **ecossistema mental da língua**. O **meio ambiente mental da língua** é constituído pelo cérebro/mente. É nesse que se dão as interações da língua como fenômeno mental.

Em terceiro lugar, é preciso lembrar que os indivíduos da comunidade islandesa estão comunitariamente organizados. Eles compartilham talvez mais de 90% dos fatos culturais locais, incluindo-se a língua. A totalidade desses indivíduos organizados comunitariamente constitui a coletividade ou, mais especificamente, a sociedade islandesa. Trata-se do **ecossistema social da língua**, sendo que a coletividade (indivíduos sociais) mais sua organização social (a sociedade) constituem o **meio ambiente social da língua**.

Em quarto lugar, temos o equivalente da ecologia integral de Boff, ou seja, o **ecossistema integral da língua**. Ele é constituído pela ideia de povo em geral (não um povo concreto como os islandeses), habitando determinado lugar (não um território específico como a Islândia) e falando a própria língua (não necessariamente o islandês). Esse ecossistema inclui os outros três. É a partir dele que se fazem as perguntas fundamentais sobre língua, tais como se ela é um dom biológico transmitido hereditariamente ou adquirida. Enfim, tudo na língua que tiver a ver com fatos e fenômenos gerais pertence a ele. Muitas das regras interacionais discutidas na seção seguinte são de índole geral. Por fim, **meio ambiente integral da língua** é justamente a ideia de povo e a ideia de seu território, independentemente de se tratar ou não de um povo ou de um território específicos.

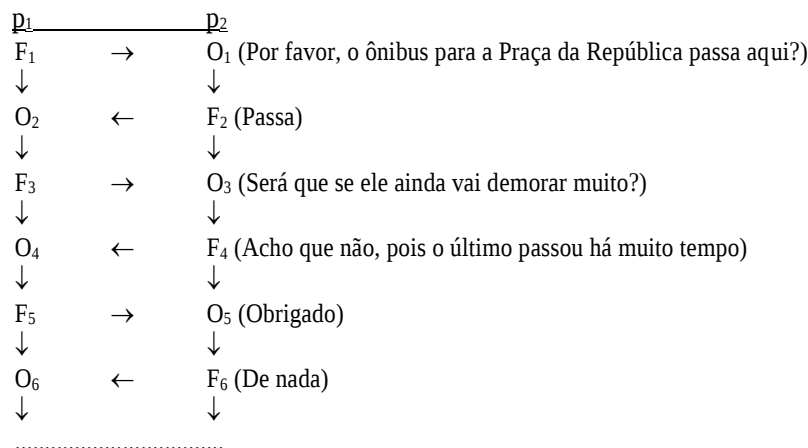
Sabemos que o ecossistema integral da língua é o equivalente de comunidade. Como acontece no estudo dos ecossistemas biológicos, o ecossistema da língua é delimitado pelo observador. Cada comunidade assim delimitada é uma **comunidade de fala** (CF). Ele pode delimitar a capital da Islândia como a CF que irá investigar. Pode também delimitar um bairro dela e um edifício com seus moradores e até uma família. Em princípio poderia delimitar até dois interlocutores em diálogo, o que seria uma **CF mínima**. Tudo isso está em conformidade com a concepção original de ecossistema (TANSLEY, 1935). Mas, o investigador poderia delimitar a Islândia inteira como seu ecossistema linguístico. Nesse caso, temos a **CF máxima**. Esta última equivale ao que se tem chamado de **comunidade de língua** (CL). A CL é bem mais fácil de ser definida. Ela está dada na prática, independentemente de ser delimitada. Equivale ao domínio do que se chama de língua. Ela está para o sistema, ao passo que a CF está para o uso.

3 As interações no interior do ecossistema linguístico

Vimos que o conceito definidor do ecossistema biológico são as interações entre organismos e entre organismos e meio ou *habitat*. Vimos, outrossim, que o conceito definidor do ecossistema linguístico são as interações verbais e acompanhamentos. A língua é interação. Assim sendo, examinemos um pouco mais essas interações, que são parte da **ecologia da interação comunicativa** (EIC). A EIC compreende uma pessoa (p_1) interagindo com uma outra (p_2) da comunidade. Elas se encontram em um **cenário**, que é parte integrante dela. Como disse Mey (2008, p. 59), “o cenário não é apenas um fundo passivo para nossos caprichos linguísticos. Ele é uma força ativa e até mesmo reativa que devemos levar em conta”. Bang e Døør (2007, 2016) incluem um terceiro participante da EIC, uma p_3 , que seria uma espécie de representante da comunidade que fiscaliza o que está sendo dito. A linguística ecossistêmica reconhece não apenas esse terceiro participante; ela inclui um quarto (p_4).

É p_1 quem dá o pontapé inicial da **interação comunicativa**, na qualidade de falante (F_1). Nesse momento, p_2 é o ouvinte (O_1). No entanto, se p_2 responder, transforma-se por sua vez em falante, no caso, F_2 , ou seja, falante no nível 2 da interlocução. O p_1 , que era falante no nível 1 (F_1) passa a ser ouvinte, no caso, O_2 . Se o diálogo prolongar e se os turnos forem obedecidos, p_1 virará falante de novo, agora como F_3 , e p_2 será ouvinte (O_3), e assim sucessivamente, enquanto o diálogo durar, como pode ser visto no fluxo interlocucional abaixo. Antes de expô-lo, é necessário voltar ao terceiro (p_3) e quarto (p_4) participantes do diálogo.

Até mesmo na teoria matemática da comunicação se reconhecem dois ingredientes além de emissor, receptor, mensagem e código, ou seja, a fonte e o destino. Embora não sejam exatamente iguais a fonte e destino, p_3 e p_4 têm muito em comum com eles. Sabemos que o falante fala de alguma coisa, em geral aquilo, aquele(s) que está(ão) do seu lado, ou seja, p_3 . Mas ele pode reportar-se também àquilo, àquele(s) que está(ão) do lado de seu interlocutor inicial (p_2). Trata-se, no caso, de p_4 . Vejamos um minidiálogo entre alguém que acaba de chegar a uma parada de ônibus em São Paulo, na qual já havia uma pessoa.



Como se vê, o diálogo tem um começo certo, mas o término fica em aberto. Depois de iniciado, ele pode tomar qualquer direção. Por exemplo, as duas pessoas poderiam ter prolongado a conversa; em qualquer nível, dependendo da resposta, ela poderia ter tomado outro rumo; p₂ poderia ter dito “Não sei”, com o que provavelmente o diálogo não teria prosseguimento; poderia simplesmente não ter respondido à pergunta inicial, o que seria socialmente muito constrangedor, e assim sucessivamente.

Diálogos como esse e outros vêm sendo estudados por diversas teorias linguísticas e até não linguísticas. Entre as linguísticas, temos a teoria da enunciação, a etnografia da comunicação, sociolinguística interacional, a análise da conversação, a pragmática e a linguística interacional. Entre as não linguísticas poderíamos mencionar a teoria dos atos de fala, os postulados conversacionais de Grice, a teoria da ação comunicativa de Habermas etc. Infelizmente, não é possível desenvolver cada uma delas aqui. Basta dizer que todas, sem exceção, frequentemente se dedicam a apenas um aspecto do processo. Nenhuma o vê holisticamente e como parte de um todo maior.

A visão linguístico-ecossistêmica considera a ecologia da interação comunicativa como o núcleo, a parte central da língua. Melhor dizendo, como um holograma, ela inclui em si toda a língua, contrariamente aos modelos supra e os de cunho mais formal. Em geral eles a veem como um sistema, que os usuários usam como instrumento para se comunicarem entre si. A EIC é completa no sentido de, além de falante e ouvinte, incluir uma terceira e uma quarta pessoa, o cenário, regras interacionais e regras sistêmicas.

Inicialmente, p₁ é *eu* e p₂ é *tu*. Nos níveis subsequentes as funções de *eu* e *tu* vão se alternando. Quanto a p₃, equivale a *ele*₁, aquilo ou aquele que está do lado de *eu*; p₄ é aquilo ou aquele que está do lado de *tu*, ou seja, *ele*₂. Para que fique mais claro, podemos dizer

que *ele*₁ é “ele aqui” e *ele*₂ é “ele aí”. Os dois juntos formam *eles*. Mas, ainda estão faltando “nós” e “vós”. Na verdade, há mais de um deles. Por exemplo, se *eu* incluir na sua fala apenas *ele*₁, teremos o *nós*₁ o “nós exclusivo” (exclui o ouvinte); se incluir o ouvinte, com ou sem *ele*₁, teremos o *nós*₂, inclusivo, por incluir *tu*. Há outras possibilidades. No que tange a “vós”, o falante pode referir-se a apenas *tu* e *ele*₂, juntos, com o que teremos *vós*₁, exclusivo, por excluir *ele*₁. Incluindo este último, temos o *vós*₂, inclusivo. Como se vê, a ecologia da interação comunicativa nos mostra que não há apenas actantes (*eu*, *tu*), mas também circunstantes (*ele*₁, *ele*₂) e respectivas combinações. O que acaba de ser exposto mostra o gerador da linguagem. Como Émile Benveniste, entre outros, já havia salientado, aí entram o espaço, o tempo e a modalidade da língua. O *eu* relaciona a si dêiticos como *aqui*, *agora* e *assim*. A *tu* ele associa *aí*, *então* e *assado*. A *ele*₂ e, possivelmente, a *ele*₁, relaciona *lá*, *acolá*, *alhures*, *antão* (arcaico) etc. Há muito mais coisas a ser ditas aqui, mas, infelizmente, não há espaço suficiente. O assunto merece um tratamento mais aprofundado.

Eu gostaria de retomar a questão da “terceira pessoa” (*ele*₁, *ele*₂). Benveniste (1995, p. 277-283) e quase todos os estudiosos da dêixis excluem *ele* da categoria, chamando-o de “não pessoa”. Quando muito, classificam-no como anafórico, referindo-se a algo ou alguém mencionado antes no texto. Que existe o pronome anafórico não resta a menor dúvida. No entanto, a EIC nos mostra que *ele*₁ e *ele*₂ são circunstantes no processo de interação comunicativa. Dessa perspectiva, eles são dêiticos também. Tanto que o primeiro pode ser substituído por “ele aqui”; o segundo, por “ele aí”. Em conclusão, nota-se que a linguística ecossistêmica mostrou que há dois tipos de “ele”, o anafórico e o dêítico, mesmo tendo a língua um único termo para designá-los.

É preciso salientar que a interação comunicativa está sujeita a regras, não no sentido de regra-regulamento, mas de regra-regularidade ou regra consuetudinária. Uma vez que a língua é antes de tudo interação, trata-se de **regras interacionais**, das quais as **regras sistêmicas** (gramática) fazem parte. Elas variam um pouco de língua para língua, mas há sempre um núcleo comum. Eis as que foram detectadas até o presente momento.

4 Regras interacionais

- 1) F e O ficam próximos um do outro; a distância varia de uma cultura para outra ou conforme as circunstâncias.
- 2) F e O ficam de frente um para o outro.
- 3) F e O devem olhar para o rosto um do outro, se possível para os olhos.

4) F deve falar em um tom de voz mediano: alto demais será agressivo; baixo demais, inaudível.

5) a uma solicitação deve corresponder uma satisfação.

6) tanto solicitação quanto satisfação devem ser formuladas em um tom cooperativo, harmonioso, solidário, com delicadeza.

7) a solicitação deve ser precedida de algum tipo de pré-solicitação (*por favor, oi* etc.).

8) a tomada de turno: enquanto um fala, o outro ouve.

9) se o assunto da interação for sério, F e O devem aparentar um ar de seriedade, sem ser sisudo, carrancudo; se for leve, um ar de leveza, com expressão facial de simpatia (leve sorriso, se possível); a inversão dessas aparências pode parecer antipática, não receptiva etc.

10) F e O devem manter-se atentos, “ligados” durante a interação, sem distrações, olhares para os lados.

11) durante a interação, F e O de vez em quando devem sinalizar que estão atentos, sobretudo na interação telefônica, que ainda “estão na linha”.

12) em geral, é quem iniciou a interação que toma a iniciativa de encerrá-la; o contrário pode ser tido como não cooperativo, não harmonioso.

13) adaptação mútua: F deve expressar-se como acha que O entenderá e O interpretará o que F disse como acha que é o que ele quis dizer.

14) o encerramento da interação comunicativa não deve ser feito bruscamente, mas com algum tipo de preparação; quem desejar encerrá-la deve sinalizar essa intenção (*tá bom, tá, é isso* etc.).

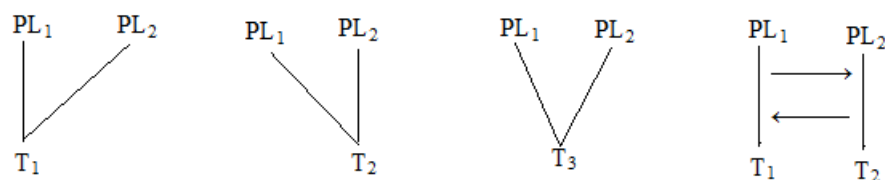
15) Regras sistêmicas (inclui toda a ‘gramática’).

Como pode ver, algumas regras interacionais são de natureza proxêmica, outras de natureza cinésica e outras de natureza paralinguística.

5 Exoecologia linguística

A língua se dá em um ecossistema que é parte de um ecossistema maior. Por isso, a proposta original do pai da ecolinguística (HAUGEN, 1972) sugere que a disciplina deveria dedicar-se inteiramente à exoecologia linguística, ou seja, ao que tradicionalmente se tem chamado de linguística externa. Entre os tópicos aí estudados incluem-se o multilinguismo, que abarca o bilinguismo, o bi- e o multidialetalismo, o contato de línguas e de dialetos, a política e o planejamento linguístico etc. Não podem ser esquecidos também os tópicos que vinham sendo estudados pela sociolinguística, em todas as suas vertentes. Entre eles temos a variação linguística (regional, social, etária etc.), as atitudes linguísticas etc. Enfim, tudo que não é necessariamente de natureza interna, estrutural faz parte da exoecologia linguística, como o que vinha sendo estudado pelas diversas versões de análise do discurso.

Um tópico linguístico-exoecológico que tem recebido um tratamento relativamente detalhado é o do contato de línguas. Tem sido mostrado que o que entra em contato em determinado território (T) são pessoas (P), sendo que as línguas (L) entram em contato no cérebro/mente dessas pessoas. Isso aponta para a importância do ecossistema mental no processo. O aspecto mais conspícuo do contato de línguas é, no entanto, o encontro de pessoas, que resulta do deslocamento de algumas delas de seu T original para um outro. A linguística ecossistêmica demonstrou que, partindo desses deslocamentos, há basicamente quatro tipos de contato, resumidos na figura abaixo. Para mais detalhes ver Couto (2009).



O primeiro caso é o de um povo e respectiva língua (PL₂) que se desloca para o território (T₁) de outro povo já bem territorializado, mais forte política, militar e economicamente. Um exemplo são os hispânicos nos Estados Unidos, os turcos na Alemanha, os árabes na França, bem os alemães, italianos e outros no sul do Brasil. Os resultados linguísticos desse tipo de contato dependem de quantas pessoas imigraram, se formaram uma “colônia” no novo território (ilha linguística), a consciência étnica etc.

A segunda situação se dá quando é o povo mais forte política, militar e economicamente se desloca para o território de um povo mais frágil nos três sentidos. A

colonização da África, América e Oceania pelas potências europeias é um exemplo típico. Dependendo da situação de cada lado do contato, os resultados são os mais variados possíveis. Na Nova Zelândia, o inglês devastou por completo o maori e outras línguas locais, de modo que ela é um dos países mais monolíngues do mundo. Até certo ponto isso se deu também nos EUA, no Brasil e outros países. As línguas nativas que ainda subsistem encontram-se em franco processo de obsolescência. Em outros casos, surgiram variedades pidginizadas da língua invasora, como o pidgin inglês dos Camarões, o crioulo português da Guiné-Bissau, o crioulo inglês da Jamaica etc.

Na terceira situação tanto o povo dominante (PL_1) quanto o povo dominado (PL_2) se deslocam para um terceiro território (T_3), que não é de nenhum deles. Daí podem surgir crioulos (Cabo Verde, Ilha Maurício etc.) ou pidgins.

A quarta situação, por fim, é aquela em que cada lado está em seu território, mas se desloca sazonalmente para o território do outro, geralmente por questões comerciais. Um exemplo típico são as situações fronteiriças. Mas, isso se deu também quando os russos se deslocavam no curto verão para o norte da Noruega para comprar peixe e vender suas mercadorias. Desse contato surgiu o pidgin russenorsk, mistura de russo com norueguês.

6 Endoecologia linguística

Questões endoecológicas, estruturais, não têm sido muito estudadas no seio da ecolinguística. No entanto, a sua variedade aqui exposta, a linguística ecossistêmica, as contempla também, seguindo propostas iniciais de Finke (1996), Trampe (1996) e Strohner (1996). De um modo geral, o que já vinha sendo feito pela linguística funcional pode ser assimilado pela ecolinguística. No entanto, alguma coisa tem sido feita explicitamente no arcabouço teórico da linguística ecossistêmica. Um dos primeiros estudos nesse sentido é a semântica das preposições espaciais (COUTO, 2010). Em Couto (2007), há sugestões de como se estudarem questões sintáticas, morfológicas e fonológicas. Até a fonética poderia ser abordada dessa perspectiva. Da perspectiva linguístico-ecossistêmica, o que se tem chamado tradicionalmente de estruturas é encarado como algo orgânico, constituído em forma de redes multidimensionais, não lineares como as representações estruturais.

Um modelo teórico muito apropriado para se estudar a endoecologia linguística é a chamada gramática estratificacional, cujo nome mudou para linguística neurocognitiva (LAMB, 2000; MAKKAI, 1993; COUTO, 1983). Partindo das representações, um tanto diferentes das da gramática gerativa, como um tipo de simulação dos processos neurais, essa teoria mostra que em grande parte o que se chama de estrutura linguística é reflexo de estruturas neurais. Essas, por seu turno, são parte da natureza, ou seja, elas se dão no

cérebro, que é algo físico, parte do corpo humano. As relações que nele se dão constituem a mente.

Até a concordância (nominal e verbal) já foi explorada. Em Couto (2016) tentei mostrar que o fato de a concordância tender a desaparecer em variedades populares e marginais das línguas que a têm tem a ver com a finalidade última da linguagem: a eficácia comunicativa. Assim, *As menina pequena chegô tudo atrasado* comunica aproximadamente o mesmo que *Todas as meninas pequenas chegaram atrasadas*. No entanto, a primeira frase só tem duas concordâncias de gênero (as menina pequena) e nenhuma de número. Na segunda, todas as palavras se flexionam para concordarem em número, e só uma (o verbo) não o faz para gênero. Enfim, nas línguas de posição fixa dos constituintes da frase, a presença de muita concordância é redundante. Ora, em situações de crise (contato de línguas), de distanciamento da pressão normativa (dialetos rurais, populares etc.) tudo que for dispensável, por ser redundante, geralmente é dispensado. No latim, por outro lado, a concordância é necessária, pois nele não há uma posição fixa dos constituintes. Por isso, uma frase como “o homem vê a mulher” pode aparecer sob diversas formas: *feminam videt vir*; *videt feminam vir*; *feminam vir videt*; *vir videt feminam* etc.

7 Linguística ecossistêmica crítica

Se a linguística ecossistêmica encara seu objeto de estudo de modo holístico, ou seja, em todas as suas manifestações, inclui nele também questões textuais e discursivas, umas diretamente associadas às outras. Por esse motivo, está emergindo uma extensão dela, intitulada **linguística ecossistêmica crítica** (LEC). Essa denominação surgiu por sugestão tanto da análise do discurso crítica, associada ao nome de Norman Fairclough, quanto da ecolinguística crítica que, por sua vez, foi influenciada pela teoria desse autor. Atualmente, a designação mais comum é **análise do discurso ecológica** (ADE). Ela é objeto de um capítulo à parte do presente livro, de modo que a estou mencionando aqui pelo fato de ela ser parte da linguística ecossistêmica, por também ela partir do conceito central da ecologia, o ecossistema, para erigir suas bases epistemológicas, embora faça uso também de conceitos da ecologia social, da psicológica e da filosófica, sobretudo a ecologia profunda formulada pelo filósofo norueguês Arne Naess (1912-2009) e até do taoísmo.

Como se pode ver em *Revisitando a Análise do Discurso Ecológica (ADE)*, artigo 9 deste número temático, a ADE apresenta uma proposta de análise de textos e discursos radicalmente diferente da análise do discurso tradicional. Esta tem enfatizado questões de ideologia e relações de poder, devido a sua herança marxista. O problema é que ela toma a pior parte do marxismo, a que enfatiza o conflito, sendo que a ADE põe a ênfase na

harmonia. Em princípio, ela pode estudar todo e qualquer tipo de texto/discurso, e não apenas os de cunho ambiental. O que é mais, ela abrange o objeto da AD(C), uma vez que, como acabamos de ver, encara seu objeto de estudo como um todo, mesmo quando tem que se dedicar apenas a uma parte dele. Como disse Garner (2004), ao filmarmos uma multidão, de repente podemos fazer um *close* no rosto de uma única pessoa, momento em que podemos ver detalhes de sua conformação. O interessante, continua Garner, é que nesse momento todas as demais pessoas e todo o entorno que estão fora do foco continuam lá. Aí está a diferença da visão linguístico-ecossistêmica. As demais teorias tratam de um aspecto específico, como faz a gramática gerativa com o sistema, quase dando a entender que a língua é esse aspecto. Ela se fixa no rosto em questão e ignora por completo se há algo em volta dele.

8 Nova maneira de encarar os fenômenos da linguagem

A versão linguística ecossistêmica da ecolinguística se insere na visão ecológica de mundo (VEM), tão enfaticamente defendida por Fritjof Capra em praticamente todas as duas obras. Em Capra (1998a, 2008) ele usa explicitamente a expressão “visão de mundo ecológica”. Às vezes fala, alternativamente, em ‘novo paradigma’ para a ciência, ‘visão sistêmica’ da realidade e até em ‘visão orgânica’. O autor alinha cinco características da VEM frente ao antigo paradigma newtoniano.

A primeira dessas características é uma mudança da parte para o todo. A visão tradicional considera o todo algo como a somatória de suas partes, ao passo que a orgânica define as partes no contexto do todo em que se inserem. A segunda é a mudança da estrutura para o processo. Nas palavras de Capra (1998a, p. 110), “pensava-se [...] que havia estruturas fundamentais, e a seguir que havia forças, que havia mecanismos por cujo intermédio essas forças interagem, dando assim nascimento a processos. No novo paradigma, cada estrutura é vista como a manifestação de um processo subjacente”. Em terceiro lugar, temos a mudança de ciência objetiva para “ciência epistêmica”. No velho paradigma acreditava-se em descrições objetivas, independentes do observador, ao passo que na VEM a epistemologia deve ser incluída, ou seja, “o entendimento do processo de conhecimento tem de ser explicitamente incluído na descrição de fenômenos naturais” (p. 115). Em quarto lugar temos a mudança de construção para rede como metáfora do conhecimento. Não há mais “leis fundamentais, princípios fundamentais, blocos de construção fundamentais etc.” (p. 12). Isso de certa forma contradiz os conceitos linguístico-ecossistêmicos de ‘ecossistema fundamental da língua’ e “meio ambiente fundamental da língua”. Por isso, passamos a usar o termo de Leonardo Boff ‘ecologia

integral’ e falar em ‘ecossistema/meio ambiente integral da língua’. Por fim, temos uma mudança de descrições verdadeiras para descrições aproximadas. Contrariamente ao que defendia Descartes, nunca atingiremos certeza absoluta, os resultados conseguidos pela ciência são limitados e aproximados. Por isso ela deve estar sempre evoluindo, sempre procurando uma aproximação maior da certeza.

Para alguns investigadores, nessa nova maneira de encarar os fenômenos da linguagem não haveria lugar para uma análise microscópica de determinado fenômeno, como fazem as diversas ciências parcelares. Cada uma delas é uma janela que permite ver detalhes finos do objeto de estudo, mas a VEM, por ser holística, mostraria só o panorama descortinável a partir da cumeeira da casa. Voltando à imagem do ecolinguista inglês Mark Garner, “em um filme o cinegrafista pode focalizar, por exemplo, a face de um ator para chamar a atenção sobre uma expressão específica, mas, enquanto os outros elementos estão fora do foco, eles permanecem lá como um pano de fundo essencial para o entendimento da expressão” (GARNER, 2004, p. 202). Recentemente isso foi usado para processar torcedores que insultavam jogadores. Não se trata de visão de especialista *versus* visão de generalista (abrangente). Pelo contrário, as duas se completam, são os polos de um todo. Vale dizer, na VEM, essas categorias não constituem oposições, como acontece na visão de mundo ocidental. Pelo contrário, elas se complementam, são os pontos extremos de um *continuum*. Elas se articulam ao longo do mesmo eixo. Em Couto (2012), há uma detalhada discussão desse assunto.

Se um linguista ecossistêmico precisar fazer a análise fonológica da palatalidade consonantal na região de Alagoas, poderá recorrer à ajuda de um fonólogo profissional e, se necessário, também de um sociolinguista variacionista. Se tiver que estudar orações clivadas ou relativas, poderá solicitar o auxílio de um sintaticista minimalista e assim por diante, pois a ecolinguística, sobretudo a linguística ecossistêmica, é multimetodológica. Se ele tiver conhecimento específico em uma dessas áreas (eu, por exemplo, sou fonólogo de formação) poderá ele mesmo fazer a análise. Com os resultados em mãos, ele os avaliará da perspectiva global em que se encontra. O grande problema com as disciplinas do velho paradigma é que analisam seus dados como se eles pairassem no ar, como se não fossem apenas um ponto em uma imensa malha de interconexões.

A grande maioria das teorias linguísticas vê na interação comunicativa um “uso” do sistema, uma “realização” dele, com o que fica implícito que ele seria o aspecto mais importante da língua. Às vezes algumas teorias disfarçam isso afirmando que “a língua tem por função a comunicação e/ou expressão do pensamento”, que ela seria “um instrumento para a comunicação e/ou expressão do pensamento”. Ora, sabemos que instrumento é uma coisa que usamos para fazer algo. Portanto, todas essas teorias reificam a língua. A VEM, sobretudo a linguística ecossistêmica, inverte a perspectiva. Justamente por tomar por base o ecossistema, cujo conceito definidor é o de interação, ela vê o *locus* da língua na

interação comunicativa. É a partir dela que tudo na língua emerge: léxico, sintaxe, morfologia etc. nascem nela e existem em função dela. Trocado em miúdos, o sistema é mero auxiliar do uso, existe dentro dele, é subordinado a ele, não o contrário. Tanto que as regras sistêmicas são consideradas parte integrante das regras interacionais. As teorias tradicionais partem do sistema para chegar ao uso; a linguística ecossistêmica faz o percurso inverso: parte do uso para chegar ao sistema.

Como disse Capra (1998b), “se as atividades de uma máquina são determinadas por sua estrutura, a relação inverte-se nos organismos – a estrutura orgânica é determinada por processos” (262); Capra (1998a) assevera que “no velho paradigma também se reconhecia que as coisas estão inter-relacionadas. No entanto, conceitualmente falando, você tinha de início as coisas com suas propriedades, e, a seguir, havia mecanismos e forças que as interligavam. No novo paradigma, dizemos que as próprias coisas não possuem propriedades intrínsecas. Todas as propriedades fluem de suas relações” (p. 84).

Gostaria de terminar retomando o título deste capítulo, ‘Porque linguística ecossistêmica’. A ecolinguística que praticamos é assim chamada porque tudo nela emerge do ecossistema e imerge nele. Isso representa uma reviravolta total em nossa visão dos fenômenos da linguagem. Obriga-nos a mudar de posição, a sair da janela e nos postarmos na cumeeira da casa. Mudar nosso modo de ver o mundo pode ser difícil e até doloroso. Por isso Einstein disse que é mais fácil cindir o átomo do que mudar a opinião das pessoas.

Referências

BANG, J. Chr.; DØØR, J. *Language, ecology and society*. Londres: Continuum, 2007.

_____. Ecolinguística: Um enquadramento conceitual. In: Couto; Couto; Araújo; Albuquerque (orgs.). p. 62-75.

BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral I*. 4. ed. Campinas: Pontes, 1995.

BOFF, L. *As quatro ecologias: ambiental, política e social, mental e integral*. Rio de Janeiro: Editora Mar de Ideias, 2012.

CAPRA, F. *Pertencendo ao universo*. 10. ed. São Paulo: Cultrix/Amana, 1998a.

_____. *O ponto de mutação*. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 1998b.

_____. *O tao da física*. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2008.

- COUTO, H. H. do. *Linguística e semiótica relacional*. Brasília: Thesaurus, 1982.
- _____. *Ecolinguística: Estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.
- _____. *Linguística, ecologia e ecolinguística: Contado de línguas*. São Paulo: Contexto, 2009.
- _____. Ecologia das preposições espaciais portuguesas. *Lusorama* 83/84, 2010, p. 50-79.
- _____. *O tao da linguagem: Um caminho suave para a redação*. Campinas: Pontes, 2012.
- _____. A concordância e a função comunicativa da linguagem: Uma visão ecolinguística (2016, *a sair*).
- COUTO, H. H. do; COUTO, E. K. N. N. do; ARAÚJO, G. P.; ALBUQUERQUE, D. B. (Org.). *O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: Coletânea de ensaios clássicos e contemporâneos*. Goiânia: Editora da UFG, 2016 (*a sair*).
- COUTO, E. K. N. N. do. *Ecolinguística: Um diálogo com Hildo Honório do Couto*. Campinas: Pontes, 2013.
- DÖRING, M.; PENZ, H.; TRAMPE, W. (Org.). *Language, signs and nature: Ecolinguistic dimensions of environmental discourse*. Tübingen: Stauffenburg, 2008.
- FILL, A. *Sprachökologie und Ökolinquistik*. Tübingen: Stauffenburg Verlag, 1996.
- FILL, A.; MÜHLHÄUSLER, P. (Org.). *The ecolinguistics reader*. Londres: Continuum, 2001.
- FINKE, P. Sparche als missing link zwischen natürlichen und kulturellen Ökosystemen. Überlegungen zur Weiterentwicklung der Sprachökologie. In: FILL (Org.). 1996, p. 27-48.
- GARMER, M. *Language: An ecological view*. Oxford/Berlim: Peter Lang, 2004.
- GUATTARI, F. *As três ecologias*. 21. ed. Campinas: Papirus, 2011.
- HAUGEN, E. *The ecology of language*. Stanford: Stanford University Press, 1972, p. 325-339. Também em FILL; MÜHLHÄUSLER (2001: 57-66).

MAKKAI, A. *Ecolinguistics: ¿Toward a new **paradigm** for the science of language?*

Londres: Pinter Publishers, 1993.

MEY, J. Full-Filling ecology: For Alwin on his retirement. In: Döring; Penz; Trampe (Org.), 2008, p. 59-71.

MORIN, E. 2007. *L'An I de l'ère écologique*. Paris: Tallandier.

STROHNER, H. Die neue Systemlinguistik: Zu einer ökosystemischen Sprachwissenschaft. In: FILL (Org.), 1996, p. 49-58.

TANSLEY, A. G. The use and abuse of vegetational concepts and terms. *Ecology* v. 16, n. 3, 1935, p. 284-307.

TRAMPE, W. Ökosysteme und Sprache-Welt-Systeme. In: FILL (Org.). 1996, p. 59-75.

_____. Sobre o papel da linguagem nos sistemas ecológicos antropogênicos. In: COUTO, H. H. DO; COUTO, E. K. N. N. DO; ARAÚJO, G. P.; ALBUQUERQUE, D. B. (ORG.). *O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: coletânea de ensaios clássicos e contemporâneos*. Goiânia: Editora da UFG, 2016 (*a sair*). p. 98-111.

HILDO HONÓRIO DO COUTO

Pesquisador Associado da Universidade de Brasília. Graduado em Letras Vernáculas pela Universidade de São Paulo (1969), mestrado em Linguística pela Universidade de São Paulo (1973) e doutorado em Linguística pela Universität zu Köln (1978), Alemanha. E-mail: hildodocouto@gmail.com